

Danielly Christina Souza Mezzari²⁸

Fernando Silva Teixeira-Filho²⁹

Resumo: Cassandra Rios foi considerada a “escritora mais proibida do Brasil” entre os anos 1950 e 1980, em grande parte por conta de sua vasta produção sobre as lesbianidades. O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise dos modos pelos quais as categorias de lesbianidade, transgeneridade, feminilidade e masculinidade aparecem nos romances “Eu sou uma lésbica (2006)” “As traças (2005)” e “Uma mulher diferente (1969)”. O artigo se divide em três seções: uma breve explanação acerca da autora e das obras escolhidas seguida de uma problematização sobre o funcionamento das categorias de gênero nas obras e dos lugares complexos atribuídos ao que se entende por feminilidade e masculinidade no contexto dos romances. Como resultados parciais, conclui-se que os romances destacados produzem e articulam configurações de corpos e desejos que tanto transgridem quanto se apoiam em normativas sociais. Nesse movimento, criam fissuras e campos outros de possibilidades de existência.

Palavras-chave: Cassandra Rios, Gênero, Sexualidade, Lesbianidade.

Abstract: Cassandra Rios was considered the “most banned writer in Brazil” between the 1950s and 1980s, largely because of her vast production on lesbianities. The present work, which is the result of the development of a doctoral thesis, aims to analyze how categories such as lesbianity, transgenderism, femininity and masculinity appear in the novels “Eu sou uma lésbica (2006)” “As traças (2005)” and “Uma Mulher diferente (1969)”. The article is divided into three sections: a brief explanation about the author and the chosen works followed by a discussion about the functioning of gender categories in the works and the complex places attributed to what is understood by femininity and masculinity in the context of novels. As partial results, it is concluded that the highlighted novels produce and articulate configurations of bodies and desires that both transgress and are supported by social norms. In this movement, they create fissures and other fields of possibilities of existence.

Keywords: Cassandra Rios, Gender, Sexuality, Lesbianity.

INTRODUÇÃO

Odette Rios Pérez Perañes Gonzales Hernández Arellano, que adotou o pseudônimo de Cassandra Rios, nasceu em 1932 em São Paulo e publicou seu primeiro romance ainda com 16 anos. A autora foi considerada a “escritora mais proibida do Brasil” entre os anos 1950 e 1980, em grande parte por conta de sua vasta produção sobre as lesbianidades (Pereira & Messeder, 2013). Como asseveram as pesquisadoras, ainda que já existissem trabalhos anteriores abordando as temáticas das lesbianidades, foi Cassandra quem primeiro transformou o cerne de sua produção literária em torno das relações amorosas e sexuais entre mulheres no Brasil. Cassandra é também considerada pioneira na inserção

28 UEL. <https://orcid.org/0000-0002-0767-5911>

29 UNESP. <https://orcid.org/0000-0003-4975-2273>

de personagens lésbicas enredadas em narrativas que questionavam o pressuposto de que a lesbianidade seria uma doença ou anomalia.

Sua narrativa ousada e transgressora causou forte oposição e alvoroço, principalmente após a década de 1950, quando seus livros começaram a fazer mais sucesso (Facco, 2004). Lúcia Facco nos diz que a principal justificativa alegada para a proibição de suas obras era o teor dito pornográfico de seus escritos. No entanto, como ironiza a autora, após ter seus livros censurados Cassandra Rios passou a publicar “romances fortes” envolvendo casais heterossexuais por meio de outros pseudônimos, desta vez masculinos, tais como: Clarence River e Oliver River e não teve problemas com a censura. Em uma de suas autobiografias Cassandra relata seu descontentamento:

Assim, eu mesma fui minha própria concorrente com pseudônimos estrangeiros, para provar e ter como resposta uma realidade contundente: - não eram os meus livros que estavam proibindo e sim a escritora que na época mais vendia. (Rios, 2000, p. 134).

O presente trabalho, fruto do desenvolvimento de uma tese de doutorado, tem como objetivo produzir uma análise das formas pelas quais categorias como lesbianidade, transgeneridade, feminilidade e masculinidade aparecem nos romances “Eu sou uma lésbica (2006)” “As traças (2005)” e “Uma mulher diferente (1969)”. Para tanto, a primeira sessão intitulada: “a ‘natureza’ das identidades de gênero” discutirá, por meio de cenas extraídas dos romances “Eu sou uma lésbica” e “As traças” as configurações de gênero criadas pela autora e seus impactos principalmente no que se refere à produção das lesbianidades. A seção intitulada: “a ‘natureza’ da feminilidade” se centrará nos modos pelos quais Cassandra Rios articula o gênero e as expressões de feminilidade e masculinidade, dando ênfase ao romance “Uma mulher diferente”.

“Eu sou uma lésbica” foi publicado pela primeira vez em formato de folhetim na revista Status em 1980, período em que o Brasil começava a passar por um processo de redemocratização. Flávia, protagonista do livro, conduz-nos para sua infância, aos 7 anos mais precisamente, e narra sua paixão por dona Kênia, de 26 anos, amiga de sua mãe e casada com Eduardo. O romance segue nos apresentando as relações amorosas e sexuais de Flávia e os seus movimentos e percepções a respeito da sua própria sexualidade.

“As traças” foi publicado pela primeira vez em 1975. A narrativa é feita em terceira pessoa, sempre desde a perspectiva de Andréa, jovem branca da classe média paulistana. Andréa conhece Berenice, sua nova professora de história, logo no primeiro dia em que chega à escola e acompanhamos o envolvimento das duas no desenrolar da trama, bem como as descobertas, dramas, desejos e concepções de Andréa sobre seu corpo e sua sexualidade.

Em “Uma mulher diferente”, publicado pela primeira vez na década de 1960, acompanhamos o investigador Grandão ao longo de uma investigação para descobrir quem teria assassinado Ana Maria. O livro, narrado em terceira pessoa e situado desde a perspectiva de Grandão, anuncia o assassinato de Ana Maria, uma moça muito bela, que logo ficamos sabendo que tinha um pênis. Grandão procura assiduamente descobrir

quem teria sido o autor desse crime e, por meio de suas investigações, conhecemos um pouco da história de Ana Maria e dos seus envolvimento amorosos com alguns homens.

A “NATUREZA” DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

Seguindo as proposições de Preciado (2014), podemos afirmar que as identidades são ficções político-encarnadas. Ficções porque não há uma origem fundamental, universal, que as justifiquem enquanto categoria. Não existe um critério único que possa defini-las, uma característica basilar que sirva de explicação natural para as suas origens. Esses critérios e essas características são sempre produzidas nos e pelos contextos e embates ético-políticos nos quais os corpos se inserem. Político-encarnadas porque, mesmo sendo ficções, produzem realidades concretas. Produzem corpos, relações, infiltram-se nas instituições.

A alegação de que a lesbianidade surge naturalmente para alguns corpos, de que ela cresce no interior desses sujeitos independente de quaisquer relações exteriores é uma das formas de dar corpo às ficções lésbicas. Evocar a naturalidade das expressões de sexualidade é também construir ou investir em uma tecnologia de gênero específica e que produz efeitos concretos nas relações, no cotidiano, nos espaços. Essa parece ser uma das estratégias bastante endossadas nos livros de Cassandra. Nesse eixo de discussão, pretendemos situar como essa estratégia aparece e quais seus possíveis efeitos a partir das narrativas construídas principalmente nos livros “Eu sou uma lésbica” e “As traças”.

Flávia, protagonista do romance “Eu sou uma lésbica” (1980), é apresentada como “genuinamente lésbica” o que lhe confere, desde a perspectiva da narrativa, uma legitimidade muito maior do que, por exemplo, a de lésbicas masculinas “que querem imitar homens”, ou daquelas que “engana[m] o homem com as suas dissimulações” (Rios, 2006, p. 143). Como pontua Vieira (2010) a bissexualidade e a masculinidade feminina são rechaçadas fortemente nas obras de Cassandra. Aquela entendida como uma espécie de traição às mulheres e fruto de mau caráter. Já as lésbicas masculinas são insistentemente apresentadas desde um modelo de desumanidade, abjeção:

E fomos ao apartamento da tal Bia. Como eu supusera: uma machona, como as que eu já vira na rua e que me causavam repulsa e aversão. Metida a homem, andar de fanfarrão, impostando a voz, sacudindo as pernas arreganhadas, como se tivesse um enorme saco entre elas, gesticulando, falando do seu caso como se falasse de uma mulher-objeto. [...] Fiquei acompanhando com o olhar aquela deformidade que até dera à luz (Rios, 2006, p. 66-67).

Bia nos é apresentada não apenas como uma machona, mas como uma deformidade. Como uma coisa, menos que humana. Para além disso, Flávia marca sua distinção com relação à Bia em termos não só de performance de gênero. “Núcia olhou para mim sem graça e pediu desculpas. Ela estava começando a perceber a diferença entre eu e aquele tipo. O aspecto, o nível, a classe, a genuinidade”. (Rios, 2006, p. 67). A deslegitimação de Bia nessa passagem tem a ver com os atravessamentos de marcadores sociais que estão para além de sua sexualidade e expressão de gênero. Fosse Bia uma pessoa rica, elegante, que não “sacudisse as pernas arreganhadas”, talvez sua masculinidade não

causasse tamanha aversão a Flávia. A genuinidade da lesbianidade advogada por Flávia tem a ver, portanto, com critérios que extrapolam sua sexualidade. Flávia necessita criar um outro abjeto para que sua genuinidade seja possível e legitimada. Ela, em dado momento, acredita que “tipos como Bia e Marlene são responsáveis pelas coisas terríveis que propagam a nosso respeito [a respeito das lésbicas].” (Rios, 2006, p. 93).

É interessante notar, contudo, que a narrativa predominante de aversão às expressões de masculinidade feminina têm também, no decorrer do livro, alguns contrapontos. Durante o transcorrer de uma festa de carnaval em um clube, na qual havia boatos de que não seria permitida a entrada de homossexuais, acompanhamos um policial interceptando a entrada de um grupo de gays e lésbicas e uma briga consecutiva. Ao longo da briga, outros policiais se aproximam e conseguem levar “uma machona” (assim descrita) com eles. Flávia assiste a cena com seu grupo de amigos. “Meu grupo estava igualmente atônito, assistindo ao deprimente espetáculo, e resolvemos que o melhor seria começar a criar um clima alegre entre nós, já que nada poderíamos fazer por aquela pobre infeliz que fora barrada por ser lésbica”. (Rios, 2006, p. 99). O carnaval segue e algumas páginas depois acompanhamos uma reviravolta do grupo que estava com “a machona” que fora levada pelos policiais:

A gritaria e o corre-corre eram promovidos pela turma da machona, que lhe dera cobertura, fazendo-a escapar sem que os guardas ficassem sabendo quem desferira o violento golpe na cabeça do branquicelo e despeitado amante da Rainha do Carnaval, que saía de lá, nesse ínterim, correndo pelas escadas do aeroporto, puxando pela minha mão (Rios, 2006, p.107).

Apesar das descrições em tom pejorativo acerca de integrantes do “grupo estranho de machonas e bichas” (Rios, 2006, p. 107) que se defendia do acoso policial, ele estava presente no texto. A narrativa deixa explícito que “a machona” estava sendo barrada por ser “machona” e não por algum possível delito ou “mau comportamento”. Para além disso, ainda a cena é criada de modo a que o grupo pudesse, coletivamente, resgatar sua amiga das garras do policial que a levava.

Em “As Traças” também podemos notar um certo deslocamento no diálogo travado entre Andréa e Rosana:

- Rosana, vamos embora, isso é o fim do mundo. Essas mulheres assim vestidas, andando desse jeito, o que pensam? Que são homens? Aquela grandalhona parece chofer de caminhão. Meus Deus, será que não sabem ser lésbicas sem imitar homens?
Rosana suspirou e olhou de lado, pôs a cabeça para fora do carro, deu ré, esterçou e saiu.
- Já olhou para mim? Já conseguiu me imaginar de vestido?
- Vejo você todos os dias de saia.
- E o que pareço?
- Uma mulher.
- Não me acha esquieta? Não acha que fico melhor de calças compridas?
- Bem, de certo modo, sim. Mas não vêm ao caso, você não tem a aparência dessas que acabamos de ver.
- E que tipo tenho?
Andréa sentiu-se encurralada (Rios, 2005, p. 150).

Apesar de a personagem Rosana aparecer no romance por meio da descrição de Andréa, neste diálogo podemos perceber uma tentativa de deslocar a figura da lésbica masculina de um lugar de pura abjeção. A sensação que Andréa tem de ter sido encurralada pode ter a ver com ter sido questionada ali mesmo nos limites dos seus próprios padrões de legibilidade, de inteligibilidade acerca do que é um corpo lésbico legítimo, possível.

A masculinidade é, em nossa sociedade, associada quase que automaticamente ao poder e à legitimidade (Halberstam, 2008). No entanto, Halberstam já nos aponta para várias outras possibilidades de identificação desde as masculinidades que diluem ou dispersam o seu poder em relação à raça, gênero, sexualidade, classe. A masculinidade feminina coloca em xeque os modelos hegemônicos que organizam como devem ser os gêneros. Para além disso, ela é questionada tanto desde perspectivas heteronormativas quanto também desde perspectivas feministas (Halberstam, 2008). Assim a narrativa descreve os pensamentos de Andréa sobre o que é ser “essencialmente homossexual”:

Podia entender muito bem e estabelecer que, assim como existem depravações e anomalias entre os heterossexuais, haveria também entre os homossexuais. Assim ela apontava mulheres neuróticas que se vestiam como homens, queriam agir como homens e, por hábito, acabavam mesmo se embrutecendo, num erro de escolha do tipo para imitar. Entre os homossexuais, destacava os bissexuais com lástima, os depravados, os masoquistas, os sádicos entre tantas outras degenerações. Mas se sentir essencialmente, genuinamente homossexual, lésbica, era lindo, puro, NORMAL. Ela pensava que a força da palavra sobressaía como se em negrito em sua mente (Rios, 2005, p. 81-82).

Também em “Eu sou uma lésbica” podemos acompanhar as impressões de Flávia sobre um grupo de lésbicas que conhecera:

Fortes mulheres, com volumosas tetas, voz grossa e panca de homem, com filhos e até amantes – falsas pervertidas, sempre dispostas a flertar, fosse comigo, com uma lésbica qualquer ou mesmo com homens–, essas machonas, sacudindo os tetões como se fossem suas armas, granadas que iriam explodir nada mais do que leite na cara de todo mundo, é que saíam à frente de um falso movimento de emancipação da mulher, ridicularizando e levando ao mais baixo nível tudo o que se pudesse pensar a respeito de lésbicas, confundindo um movimento de classe social por direitos iguais aos dos homens, no recebimento de honorários e no reconhecimento de méritos vocacionais, com liberdade sexual (Rios, 2006, p. 96).

A masculinidade feminina é sempre apresentada como algo perigoso, negativo e, para além disso, algo que precisa ser corrigido (Platero, 2009). A autora assevera que tanto a representação da masculinidade feminina como algo a ser rechaçado quanto da lesbianidade como uma tragédia alimenta e justifica a lesbofobia e a transfobia como formas de controle social legítimas. As masculinidades femininas produzem também fissuras nos modelos binários de identificação e subvertem tanto a heteronormatividade quanto a diferença sexual, o que geralmente produz, como nos diz Platero, uma reação por parte daquelas e daqueles que pretendem manter a legitimidade dessas normas.

A dissidência aos modelos vigentes de masculinidade não se produzem apenas desde as masculinidades femininas. Também as transmasculinidades fissuram e deslocam essa maquinaria. Estas podem ser um lugar desde onde questionar tanto discursos vigentes com relação à sociedade de modo geral quanto também com relação aos discursos hegemônicos em meios marcadamente heterodissidentes. As relações entre transgeneridades e lesbianidades não passam somente pelos corpos de mulheres cis e trans lésbicas. Apesar do esforço que se faz no sentido de diferenciar o que é identidade de gênero do que é orientação sexual, não podemos deixar de considerar os efeitos de um lugar sobre o outro. Tanto corpos transmasculinos quanto cislésbicos operam fissuras nos pressupostos básicos que fundamentam o que é ser um corpo com vagina.

Essas aproximações não se traduzem em experiências que se equivalem, no entanto, é importante apontar para pontos de convergência entre experiências de dissidência que podem produzir, também, violências específicas. Camilo Braz e Érica Renata de Souza (2016) afirmam que a consolidação da categoria de homens trans e a participação mais efetiva destes dentro do movimento trans no Brasil remonta à primeira metade da década de 2000. Disso não decorre que já não existissem experiências de transmasculinidades organizadas a partir de outros critérios ou denominações.

A construção de um conceito, de uma nomeação para determinadas experiências não implica em que estas sejam produzidas naturalmente, estando simplesmente a espera de que alguém as descubra e as nomeie. No entanto, a criação de uma palavra, de uma categoria, tem como um de seus efeitos a possibilidade de criação de identificações entre as pessoas e também de estratégias de aproximação e alianças. É necessário no entanto, demarcar a necessidade de nomear também as experiências normativas, que ganham o estatuto de natureza. Letícia Nascimento (2021) defende a utilização do conceito de cisgeneridade como um conceito capaz de desnaturalizar a suposta matriz original que pressupõe a existência de experiências dissidentes como simples desdobramentos subalternos da norma.

O livro de João Nery foi publicado pela primeira vez ainda na década de 1980. O autor já apontava para a ausência de um conceito que pudesse fazer jus a como se sentia com relação ao seu próprio corpo ou às suas experiências. É importante lembrar que na década de 60 Cassandra Rios já escrevia o livro “Uma mulher diferente” legitimando a identidade de gênero de uma mulher trans, Ana Maria. “Feminalize o sujeito, por favor, quando se dirigir a e referir a mim, sou Ana Maria! Meu nome é esse! Sou uma espécie diferente de mulher, apenas isso!” (Rios, 1975, p. 171).

O livro traz também um outro personagem que transita entre os lugares de gênero: “a Pedrinho”. Pedrinho é um personagem que se relaciona amorosamente com Marcela, esposa do Dr. Barbosa, homem que se envolveu sexualmente com Ana Maria. Grandão vai até a casa de Dr. Barbosa para colher informações sobre seu relacionamento com Ana Maria e investigar se ele poderia ser o assassino da moça. Dr. Barbosa conta que conheceu Ana Maria em uma festa que sua esposa costumava dar em sua casa. Ele conta

a Grandão que surpreendera sua esposa, Marcela, com outra mulher em sua casa. Em sua concepção, esse “hábito estranho” foi adquirido na Europa, de onde sua mulher regressara havia pouco tempo. Depois desse episódio, Dr. Barbosa começou a prestar mais atenção no modo de vida de sua esposa, nas suas conversas e ligações. Com o tempo, Marcela começou a compartilhar com seu marido suas aventuras amorosas e os lugares pelos quais circulava:

Marcela se foi abrindo para mim e até ficava noites inteiras bebendo comigo a falar de suas aventuras dos lugares onde ia conquistar suas mulheres e os tipos que lhe agradavam. Tinham que ser diferentes... E sabe o que me disse? Indigne-se, homem!

- O que foi que ela disse?
- Que muitas eram mais homens do que eu! (Rios, 1969, p. 143).

Se pensarmos sobre a personagem Pedrinho, criada por Cassandra na década de 1960, podemos dizer que é nebulosa a linha que separa uma experiência de masculinidade cisfeminina de uma experiência de transmasculinidade. Podemos nos perguntar: estaria Marcela fazendo menção no trecho destacado acima ao fato de que mulheres podem performar uma masculinidade que seja maior ou equivalente a dos homens ou ela fazia referência a experiências de corpos transmasculinos naquele contexto?

As possibilidades de autoidentificação e também os modos pelos quais as pessoas interpretam e experimentam as masculinidades são heterogêneas e flexíveis (Broz, 2017). Em artigo no qual se propõe analisar as trajetórias de vida de pessoas transmasculinas na Argentina, Mariana Álvarez Broz (2017) afirma que muitas destas biografias fazem aparecer experiências limiares que se constroem a partir das disputas travadas entre os marcos de sexualidade e de gênero. Para além disso, a autora pontua que, se é certo que em muitos momentos as transmasculinidades foram incluídas erroneamente na história lésbica, também é verdade que algumas experiências de transmasculinidades começaram seu caminho como experiências lésbicas:

El tránsito por el lesbianismo constituye, para algunos, un refugio donde se detienen o un pasaje hacia la construcción de la masculinidad que va alumbrando y ordenando las piezas del género y del deseo sexual, y donde se ponen en juego las fronteras entre las identificaciones (y las etiquetas) que les adjudican los demás y las autoconstrucciones que ellos mismos van experimentando en su trayecto (Broz, 2017, p. 253).

Em uma noite, Dr. Barbosa foi com Marcela para uma festa que sua esposa frequentava, lugar em que conheceu Ana Maria. Nessa festa Dr. Barbosa conheceu também Pedrinho. “Teve até vergonha de Marcela. Era a única que tomava certas atitudes indecorosas beijando aquela jovem de cabelo muito rente, que lhe fora apresentada como: <<Pedrinho>>” (Rios, 1969, p. 149). O nome de Pedrinho sempre aparece escrito dessa forma na edição de 1969. “Ela ia para onde quisesse ir. Voltava! Isso era o importante. Tão importante que nem fez cara feia quando <<a Pedrinho>> se instalou na casa deles e encheu um armário de <<terninhos>> e outras roupas masculinizadas para viver com Marcela e às custas dele!” (Rios, 1969, p. 165).

Apesar de uma indefinição no que se refere à categorização da personagem Pedrinho, não se pode deixar de frisar que em nenhum momento Pedrinho é descrita como um corpo anormal ou doente sobre sua própria perspectiva ou sobre a perspectiva de Marcela. No entanto, é importante que uma questão seja lançada: que tipo de forças estavam operando naquele momento que possibilitaram a reivindicação e a sustentação de uma identidade transfeminina e, ao mesmo tempo, a fluidez ou indeterminação de uma possível experiência transmasculina?

A “NATUREZA” DA FEMINILIDADE

A categoria de lesbianidade genuína, ou de uma essência lésbica, que aparece tanto em “Eu sou uma lésbica” quanto em “As traças” necessita manter contornos rígidos em torno dos seus limites para se ver assegurada. Se a masculinidade feminina é algo a ser rechaçado, tendo em vista a sua associação com o lugar dos homens, de mulheres que querem imitá-los, que são agressivas e violentas, também a feminilidade pode ser suspeita. As mulheres que são apresentadas como genuinamente lésbicas ao longo dos romances sempre apresentam um quê de androginia, de dubiedade. Assim Andréa, no romance “As traças”, observa a aparição de Berenice:

O SP2 encostou no meio-fio. Andréa estremeceu. Viu a perna dela aparecer pela abertura da porta, depois a outra. Eram perfeitas, lindas, gostosas de olhar. Saiu do carro. Estava trajada com simplicidade. Saia curta, blusa branca colada ao corpo. Era uma mulher bem-feita de corpo. Bonita mesmo. Estranhamente bonita, na sua dúbia feminilidade (Rios, 2005, p. 80).

Essa dúbia feminilidade de Berenice não aparece em nenhum momento associada a uma postura marcada como masculina. Também Flávia faz questão de diferenciar sua androginia de uma performance masculina:

Não gostava de homens para sexo, mas para amizade. Imitá-los, nunca! Sentia-se muito bem na minha condição de homossexual, sem precisar caracterizar-me ou realizar performances de machão para agradar as mulheres. O modo como eu gostava de me vestir nada tinha a ver com masculinidade, ou com a minha androginia (Rios, 2006, p. 66).

Para Joan Nestle (1984) as lésbicas femininas (fems) se tornaram vítimas de uma dupla omissão: no passado elas não apareciam como sendo diferentes o suficiente das mulheres heterossexuais para serem consideradas como transgressoras dos tabus de gênero e nos dias mais atuais elas não parecem ser consideradas feministas o suficiente, mesmo em seus contextos históricos, para merecer atenção ou respeito por serem mulheres transgressoras das normas. É como se a feminilidade estivesse sempre a serviço da heterossexualidade. A autora pontua também que uma “fem” é frequentemente vista como uma lésbica agindo como uma mulher heterossexual e que não é uma feminista. Uma conversa erótica entre duas mulheres acaba sendo completamente ignorada,

como conclui Nestle (1984), não somente por homens mas também por outras mulheres, muitas dessas em nome de um feminismo-lésbico, inclusive.

Se a feminilidade é compreendida como estando sempre a serviço da heterossexualidade, podemos pensar que o contrário também é verdadeiro. Ou seja, a heterossexualidade também pode ser uma forma de legitimar a feminilidade de um corpo. Em “Uma mulher diferente” acompanhamos Ana Maria pelo olhar de Grandão, dos homens com quem ela saiu e também de uma senhora que vivia perto de sua casa e a quem ela ajudava financeiramente. Ana Maria é sempre descrita como uma mulher extramente bonita, feminina, atraente e capaz de loucuras pelos homens que amava. Assim sua irmã a descreve quando interrogada por Grandão:

Foi sempre muito sentimental... creio que sofreu algum distúrbio psíquico, quis a princípio ajudá-lo. Levei-o a médicos, mas de nada adiantou... tudo se acentuava mais, até que tivemos que nos separar... eu não podia nem mesmo ter namorados... ele... ele... se tornava impossível... então fizemos de conta que morávamos em cidades distantes e escrevíamo-nos... (Rios, 1975, p. 121-122).

Antônio, um dos homens com quem ela se envolveu, considerava que a feminilidade de Ana Maria teria atordoado sua mente a ponto de torná-lo um “doente incurável”:

Depois, nessa tarde, seu Antonio descobriu que sua doença era incurável. Incrível! Absurdo, mas amava Ana Maria, fosse ela o que fosse, homem ou mulher! Amava-a assim como “ela” era [...] chegou a reconhecer que ela era muito mais feminina do que todas as mulheres que conhecera na vida (Rios, 1975, p. 104).

Já Ana Maria, de acordo com outro homem com quem se envolvera, teria lhe dito essas palavras sobre si própria:

Conclua daí que contra a física está a força psíquica do Eu. Assim, porque não poderia eu, que tenho intelectualmente a feminilidade de uma gata, da mais sensível das mulheres, seios e amor para dar ao sexo masculino, não poderia, submetida a uma intervenção mágica me tornar uma verdadeira mulher?! É uma escolha que poderia ser reservada respeitosamente a criaturas como eu, definidas, conscientes e corajosas. [...] Sinto-me superior a muitas mulheres, quando sou capaz de derrotá-las e quando não sou capaz de rivalizar com elas culpo apenas o amor que despertaram em seu homem, nunca o fascínio da atração, da beleza e sedução, porque mesmo assim, sou capaz de animá-los! (Rios, 1975, p. 170-171).

A feminilidade de Ana Maria aparece não apenas como extremamente acentuada, se comparada com a de outras mulheres, mas também como sua arma mais eficaz para seduzir os homens. Antônio se considera um doente incurável que foi contaminado pela beleza, pela feminilidade de Ana Maria. Sua irmã a apresenta como alguém que se tornava impossível perto de qualquer homem e ela própria associa sua natureza feminina ao fato de ser a “mais sensível das mulheres e com muito amor para dar aos homens”. É como se ao acentuar a heterossexualidade de Ana Maria (e toda uma performatividade condizente com o que significa ser heterossexual) a narrativa acentuasse também a legitimidade de sua identidade de gênero feminina. Ela era uma mulher. E isso poderia ser comprovado

pela sua feminilidade e heterossexualidade evidentes. Quais as implicações dessa discussão no que se refere às problematizações com relação às lesbianidades?

A narrativa aciona, também no que se refere à transgeneridade de Ana Maria, o argumento de uma naturalidade dessa identidade, o que serviria para legitimá-la dentro daquele contexto e daquelas relações. Ana Maria seria talvez, seguindo as proposições dos outros dois livros, uma “mulher transexual genuína”. Esse modelo de genuinidade opera, portanto, não apenas conferindo legitimidade a determinadas configurações de lesbianidade, de transgeneridade, mas também conferindo uma carga de abjeção e de atribuição de uma “falsa lesbianidade”, “falsa transgeneridade” a outras.

O termo cisgênero faz referência às pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi assignado ao nascimento (Jesus, 2012). Não se pode deixar de demarcar, contudo, que a cisgeneridade não é uma questão de eleição ou de escolha pessoal simplesmente. “[...] a auto-identificação não dá conta de resolver o caso, visto que o papel que a pessoa desempenha no mundo não é decidido de maneira unilateral, por decreto, mas sim através duma negociação tensa de sentidos entre o que é ser e o que é parecer. (Moira, 2017, p. 369). A produção de uma identidade por ser compreendida, tal como propõe Anzaldúa (2009), como um rio, um processo. E as mudanças que acontecem em um rio são tanto externas – clima, leito, vida em seu entorno – quanto internas – dentro mesmo de suas águas. Ou seja, o fluxo de um rio não depende simplesmente de si mesmo. Enfatizar apenas a identificação com um gênero assignado ao nascimento, como enfatiza Amara Moira (2017), pode nos levar a ignorar o âmbito do político e do social na produção dessa categoria e desses corpos.

Sofia Favero (2019) ao discutir o conceito de cisgeneridade alega que a conceituação de corpos cis como “verdadeiros”, “biológicos”, relega necessariamente as identidades trans a um status de fantasia, de falsidade, de artificialidade. A autora nos explica que esse critério de corpos verdadeiros e falsos é herdado de uma tradição nosológica desde o trabalho de Harry Benjamin (1966) no livro “The transsexual Phenomenon”. O endocrinologista defendia a ideia de que a transexualidade, para ser definida enquanto tal, precisava cumprir alguns critérios diagnósticos tais como: uma inconformidade intensa entre as características primárias e secundárias do próprio sexo e um rechaço ao genital. A pessoa que cumprisse esses critérios poderia ser considerada uma “transexual verdadeira” enquanto que aquelas que não cumprissem seriam consideradas “falsas transexuais”.

Cassandra Rios, na introdução que escreve ao livro *Mutreta* publicado pela primeira vez em 1971, afirma que:

O homossexual, genuinamente dito, não inverte a si próprio por quaisquer influências, ele o é por instinto, por natureza, o que desempenhará papel importante e principal na sua vida será a educação. [...] Não raras vezes, paradoxalmente, o homossexual é tirado da casca sob a qual se escondeu quase que uma vida toda, por um experimentador curioso, por um falso homossexual, ou por um bissexual (Rios, 1980, p. 06.)

A ideia de uma falsa homossexualidade é algo presente também na literatura de Cassandra. A definição de cisgeneridade nos ajuda a situar alguns dos efeitos dessa

premissa ao longo dos romances. Também não podemos perder de vista que, assim como pontua Viviane Vergueiro (2015) a produção analítica de cisgneridade se fundamenta na percepção de que conceitos sobre corpos e identidades de gênero são produzidos a partir de distintos contextos socioculturais, de modo que estes conceitos são sempre localizados e maleáveis.

Não pretendemos, também, equivaler a cisnormatividade à heteronormatividade em termos dos seus desdobramentos nas vidas dos sujeitos. No entanto, como sublinha Raíssa Éris Grimm (2017) a heteronormatividade presume a cisnormatividade na medida em que pressupõe a inexistência ou marginalização de pessoas trans. Partimos da premissa de que é impossível se fazer uma análise razoável de como operam as lesbianidades descolada de outros eixos de opressão ou de subjetivação. Com isso afirmamos que se não podemos equivaler esses dois eixos normativos, também não podemos equivaler as experiências de lesbianidades vividas desde atravessamentos complexos e diversos com outros marcadores.

As violências que lésbicas cis masculinas vivem têm a ver, muitas vezes, com extrapolar limites estabelecidos não apenas com relação às práticas sexuais, expressões de afeto e desejo direcionados a outras mulheres. Mas também com relação a performances de gênero, de modos de existir no mundo. Nesse sentido, ainda que não deixem de ser corpos marcados como femininos desde o nascimento e que se identificam com essa marcação, não podemos dizer que suas experiências enquanto corpos cis se equivalem às experiências de lésbicas cis que se aproximam mais dos modelos de feminilidades vigentes. São experiências desde a cisgneridade que diferem entre si, justamente porque não podemos fazer uma análise de um marcador ignorando as formas específicas em que ele se conecta e se produz atravessado por outros.

CONCLUSÃO

Halberstam (2000) afirma que se tornou uma convenção recuperar as primeiras narrativas gays e lésbicas como aquelas que foram “escondidas da história” cabendo à pessoa pesquisadora escavar do arquivo reprimido os apagamentos e distorções homofóbicas para encontrar uma verdade escondida. No entanto, como pontua o autor, ao recuperar histórias que foram invisibilizadas, muitas vezes enterramos outras no processo. Parece-nos que a discussão levantada por Halberstam toca no cerne de uma problemática que atravessa as pesquisas sobre dissidências das mais diversas: a dificuldade que temos em muitos momentos de apresentar uma obra, uma autora, uma personagem como resultado de processos mais complexos do que simplesmente o de alguém que questionou e subverteu regimes normativos ou simplesmente sucumbiu a eles.

O relacionamento amoroso, o apaixonamento e o desejo sexual atravessam as três obras de Cassandra Rios. Procuramos demonstrar que a naturalização das identidades, principalmente da identidade lésbica, é uma das estratégias endossadas nos livros para explicar as lesbianidades. Evocar a naturalidade das identidades dissidentes não foi

simplesmente uma estratégia de uso pessoal de Cassandra. Foi uma estratégia potente para fazer frente a patologização das homossexualidades e à LGBTfobia de modo geral. As lesbianidades foram, e continuam sendo, associadas ao monstruoso, à enfermidade e à aberração (Arnés, 2016).

Para além disso, a homossexualidade só deixou de ser considerada um transtorno psiquiátrico em 1973 pela Associação Americana de Psiquiatria e em 1990 pela Organização Mundial da Saúde. Nesse sentido, acionar o pressuposto da naturalidade da identidade lésbica significou, nos contextos nos quais as obras de Cassandra foram publicadas, fazer frente aos discursos patologizantes e criminalizantes da época. Também produzia como efeito o questionamento da vinculação automática da feminilidade com a reprodução e a filiação.

No entanto, a naturalização das identidades tem também como resultado a delimitação de fronteiras rígidas que estabelecem quem está dentro e está fora. As personagens de Cassandra que se autoproclamavam lésbicas verdadeiras o faziam acionando critérios que extrapolavam os limites da própria sexualidade. Sentir-se lésbica desde o nascimento, não querer “imitar os homens”, o “nível”, a “classe” são elementos acionados por Flávia e por Andréa em vários momentos ao longo dos dois romances para justificar a genuinidade dos seus desejos e comportamentos. Justificativas que se ancoram em critérios de raça, classe, expressão de gênero, entre outros lugares.

Fazer aparecer uma imagem, dar corpo a uma personagem, é já criar alguns limites, impor um traçado e um caminho possível e impossível específico. Toda representação implica em algum grau de homogeneização e entrar na H/história (Arnés, 2016) é aceitar, em boa medida, narrativas que domesticam as incoerências tanto afetivas como conceituais. Procuramos elucidar alguns processos de normalização e naturalização que sustentam a obra “Eu sou uma lésbica”, “As traças” e “Uma mulher diferente” e como eles se produzem atravessados também por deslocamentos e rupturas de lugares de hegemonia. Apostamos na potência que uma mirada lesbiana (Arnés, 2016) pode implicar não somente como um ponto de ruptura em sistemas de representação mas, também, com relação a como essa percepção diferencial pode modelar formas de visibilidade. É preciso que estejamos atentas para as formas como um determinado marcador se interconecta com outros e quais os efeitos possíveis, tanto de manutenção de estruturas já consolidadas quanto de questionamento destas, a partir desses atravessamentos singulares. Cassandra cria uma maquinaria singular que, ainda assim, não deixa de se apoiar em normas sociais que também sustentam valores hegemônicos nos contextos em que a obra foi escrita.

REFERÊNCIAS

Anzaldúa, G. (2009) *Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana*. Trad.: Tatiana Nascimento. In: Keating, A (2009) *The Gloria Anzaldúa Reader*. Durham: Duke University Press, p. 163-175.

Arnés, L. (2016) *Ficciones lesbianas: literatura y afectos em la literatura argentina*. Buenos Aires: Madresilva.

Braz, C; Souza, É. (2016) *A emergência de homens trans como sujeitos de direito no Brasil contemporâneo—demandas, avanços e retrocessos*. Encontro Anual da ANPOCS. ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais.

Broz, M, A (2017). Las paradojas de la (in)visibilidad. Trayectorias de vida de las personas transmasculinas en la Argentina Contemporánea. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 47, 2017, p. 227. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832017000100008>

Davis, A. (2016) *Mulheres, raça e classe*. Trad: Heci Regina Candiani. 1 ed. – São Paulo: Boitempo.

Facco, L. (2004) Protagonistas lésbicas: a escrita de Cassandra Rios sob a censura dos anos de chumbo. *Labrys, estudos feministas*.

Favero. (2019) Cisgeneridades precárias: Raça, gênero e sexualidade na contramão da política do relato. *Bagoas*, nº 20, 2019. <https://orcid.org/0000-0001-5179-1154>.

Grim, R. É. (2021) *Monogamia é um regime político: e isso vai além da experiência individual do seu relacionamento*. 19/08/2021. Instagram: raissa.lesbikaos.psi. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSwiP3XLh6a/>. Acesso em: 14/09/2021.

Halberstam, J. (2008) *Masculinidad femenina*. Trad. Javier Sáez. Editorial egales. Barcelona.

Halberstam, J. (2014) *Jack Halberstam on Queer Failure, Silly Archives and the Wild*. Disponível em: <https://youtu.be/iKDEil7mj8>. Acesso em: 26/08/2018.

Jesus, J. G. (2012) *Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária*. In: ABEH. Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero. Salvador.

Nascimento, L. (2021) *Transfeminismo*. Coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Jandaíra

Nery, J. W. (2011) *Viagem Solitária – Memórias de um transexual trinta anos depois*. São Paulo: Leya.

Nestlé, J. (1984) Them fem question. In: Vance, S. Carole. *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. Routledge & Kegan Paul.

Pereira, A. G. P.; Messeder, S. A. (2013) *Narrativas subversivas: imagens de uma política da subjetividade na literatura de Cassandra Rios*. In: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador-BA. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Narrativas-subversivas-imagens-de-uma-pol%C3%Adtica-da-subjetividade-na-literatura-de-Cassandra-Rios.docx>.

Platero, R. (2009) *La masculinidad de las biomujeres: marimachos, chicanos, camioneras y otras disidentes*. Jornadas Estatales Feministas de Granada. Mesa Redonda: Cuerpos, - sexualidades y políticas feministas.

- PRECIADO, B. (2014) *Manifesto Contrassexual*. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições.
- Rios, C. (2005) *As traças*. Org: Rick Santos – São Paulo: Brasiliense.
- Rios, C. (1977) *Censura: minha luta, meu amor*. Editora Gama.
- Rios, C. (2006) *Eu sou uma lésbica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- Rios, C. (1969) *Uma Mulher Diferente*. 2º ed – São Paulo: Editora Terra.
- Rodvalho, A. M. (2017) O cis pelo trans. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(1), p. 365-373. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p365>.
- Santos, C. G. (2017) Sapatão é revolução: censura, erotismo e pornografia na obra de Cassandra Rios. *Periódicus* n. 7, v. 1 maio-out. p. 263-279. <http://orcid.org/0000-0002-3312-7118>.
- Vieira, K. (2014) Maria. Almeida. “Onde estão as respostas para as minhas perguntas?": Cassandra Rios – a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955-2001). 235 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11869>
- Vieira, P. C. (2010) *Meninas más, mulheres nuas: Adelaide Carraro e Cassandra Rios no panorama literário brasileiro*. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16167@1>